

O cantil

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário



eventos extremos que se multiplicam e preocupam autoridades e governos do mundo inteiro. A Austrália acaba de regulamentar a acolhida, como refugiados climáticos, dos habitantes de Tuvalu, país independente do Oceano Pacífico que vai pouco a pouco sumindo sob as águas.

Em outras partes do mundo, a população — os jovens especialmente — está ciente de que o problema maior do planeta não está na política rasteira, nem nas guerras, nem nas alianças. A ameaça principal que paira sobre a humanidade é o desregramento climático. A situação que se antevia para 2050 já chegou, quase 20 anos adiantada.

No Brasil, até poucos anos atrás, não se sabia o que era um ciclone extratropical. Hoje, o fenômeno tem assolado o sul do país e ceifado vidas. Só este ano, já vieram dois desses eventos. A exorbitante onda de calor que nos atingiu este mês veio fora dos padrões. Sua extensão, sua força e sua duração escapam aos parâmetros. Praticamente o território nacional inteiro foi assolado.

A população brasileira tem de ser conscientizada para as mudanças climáticas, que nos anunciam um futuro complicado. Em vez de anunciar subsídios para quem comprar carro com motor a explosão, como fez

o governo este ano, a ênfase tem de ser posta no paulatino banimento do petróleo e na adoção da energia limpa. Ao oferecer prêmio para o povo sair por aí envenenando o ar que respira, o governo está fazendo exatamente o oposto do que deveria.

Dizem que a orquestra do Titanic continuou tocando enquanto o navio afundava. É verdade que os músicos nada podiam fazer para evitar o naufrágio. Nós podemos. Portanto, não vamos ficar tocando flauta. A catástrofe planetária começou, mas ainda temos tempo de amenizar o estrago. Compete ao nosso governo investir em propaganda institucional para levar a informação a todos.

Cabe também às autoridades desenhar um programa para implementar todos os conselhos de bom senso que ajudem a população a modificar seus hábitos. Se os habitantes de um pequeno país adotarem comportamento amistoso em relação à natureza, será boa ideia, mas de pouco impacto. O Brasil tem território vasto e população importante. Se os brasileiros se conscientizarem de que cada um pode agir em favor da natureza, será um movimento de grande alcance. No fundo, a natureza somos nós. Chega de fomentar nossa própria perdição.

180 anos do Instituto dos Advogados Brasileiros

» SYDNEY SANCHES
Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB)

O Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), também conhecido como a Casa de Montezuma, celebra 180 anos de ininterrupta atividade em prol do país e da cultura jurídica. Fundado por ato imperial de Dom Pedro II, em 1843, teve como primeiro presidente o advogado, formado na Universidade de Coimbra, negro e baiano nascido, Francisco Gomes Brandão, que passou a adotar o nome de Francisco Gê Acaíaba de Montezuma, o Visconde de Jequitinhonha, personagem marcante da história brasileira dos períodos do primeiro e segundo reinados.

A constituição do IAB pelo imperador teve a finalidade de instituir um ordenamento jurídico genuinamente nacional e organizar a classe dos advogados, que, com a criação dos cursos jurídicos em 1827, começava a se apresentar como estratégica para a construção do sistema de justiça e a formação de um Estado nacional, ficando sob a gestão do IAB, até 1930, os desígnios da advocacia nacional e a titularidade sobre todas as suas manifestações.

Com a criação da OAB, o IAB voltou-se exclusivamente a pensar o país e a ciência jurídica, aprimorar o direito e o ordenamento legislativo, ratificando seu papel histórico originário de ser o porto seguro da cultura jurídica, atuando com isonomia, independência e afastado dos proselitismos políticos.

Nesse seu desiderato, o IAB desenhouse como uma casa de juristas, contando em seus quadros com advogados de reconhecida formação acadêmica, membros da advocacia pública, do Ministério Público e da magistratura, permitindo a excelência de um debate jurídico e doutrinário plural, independente e sem vinculações políticas, sempre alinhado à defesa da democracia e à segurança da nossa institucionalidade constitucional. Uma instituição forjada na tradição de

lutas em defesa de nossa constitucionalidade e de nossas liberdades.

Nos últimos anos, sofremos severos ataques à nossa democracia que poderiam ter tomado o caminho de seu rompimento pela força ou mesmo a sua captura por meio do uso sórdido das próprias ferramentas como forma de sequestrá-la. Aliás, a captura tóxica da democracia tem sido um modelo autoritário repetido em distintas regiões do planeta.

As formas de comunicação e as interações pessoais, hoje claramente disruptivas, com o advento das novas tecnologias e das redes sociais, mudaram radicalmente o debate público e, hoje, interferem diretamente na organização dos estados e no regular funcionamento das democracias, pois inibem e desestabilizam suas instituições, tornando-as mal compreendidas e débeis representações.

A utilização deturpada dos primados constitucionais para avançar sobre democracia é a estratégia desse novo espaço público, que se apropria e reinterpreta os conceitos civilizatórios em detrimento dos direitos fundamentais, como se esses estivessem sendo defendidos. O autoritarismo se sofisticou e, hoje, grassa escondido no manto das normas e de suas convenientes interpretações.

O IAB esteve atento, reagiu e continua comprometido com sua histórica tradição de preservar a regularidade constitucional. Sem descanso, atua com muito vigor na arena pública em favor da sociedade brasileira e é reconhecido porto seguro de nossa democracia.

Os 180 anos da instituição jurídica mais antiga das Américas estão fortemente associados à defesa dos direitos humanos, dos direitos fundamentais, do meio ambiente, da cultura, do combate ao racismo, à discriminação de gênero e orientação sexual, do combate às práticas capacitistas e defesa do

Estado de Direito. Essa trajetória de lutas espelha o vigor combativo do IAB e a motivação para a grande celebração.

Para o IAB, o ideal de democracia e da política perpassa pelo respeito a todo e qualquer indivíduo, e comemorar os 180 anos significa celebrar com muita altivez a preservação das conquistas civilizatórias.

Ultrapassados os últimos anos de perplexidade, venceram a democracia e a nossa constituição. Vivemos novo cenário, com restabelecimento do exercício da democracia, do debate público plural, e se identifica o trabalho de recomposição das instituições, sempre dentro dos limites constitucionais.

Isso não significa que a democracia ainda não esteja sob riscos, continuamos a viver em um país dividido, onde a intolerância ainda é enorme. Além do mais, o cenário internacional está aí para apontar que teremos muito o que fazer e a vigilância deve ser permanente, mas o Brasil conseguiu ultrapassar o risco do retrocesso institucional e, hoje, avança em um projeto, a partir de uma perspectiva democrática.

Segundo Nelson Mandela, a “democracia sem fome, sem educação e saúde para a maioria é uma concha vazia”. As atividades institucionais do IAB avançam na direção da democracia social, pois trabalham para o bom arcabouço jurídico e verdadeiramente constitucional, em linha com seus compromissos estatutários voltados para a construção de um justo Estado brasileiro.

Vida longa ao IAB, pois muito ainda tem a contribuir para a advocacia, para a independência da magistratura, para o país, para o ordenamento internacional e para a preservação de nossa jovem democracia. Parabéns ao Instituto dos Advogados Brasileiros pelos seus vanguardistas 180 anos!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Barbitúricos

Insegurança, que os dicionários explicam ser um sentimento a induzir nas pessoas uma sensação de mal-estar, ansiedade e nervosismo, é hoje, infelizmente, um mal comum a afetar a maioria de nossa população. Dizer que nada nesse mundo eterno é uma coisa normal. Outra totalmente diferente é observar a população ser submetida a experiências de mudanças bruscas de entendimento, de orientação, de leis, de costumes, de tradições e tudo mais.

Insegurança jurídica, provocada, sobretudo, por decisões intempestivas do Judiciário e dos outros Poderes, que não levam em conta a lenta e gradativa evolução natural da sociedade, hoje é o que mais tem provocado nos brasileiros essa sensação de vulnerabilidade da realidade e das próprias leis, alteradas ao sabor dos ventos ideológicos e feitas sob medida para atender as demandas daqueles que estão instalados em posição de mando.

Chamar à razão os que, de posse de um poder momentâneo, creem por bem reinventar uma espécie de roda quadrada é perda de tempo. O pior é quando toda essa insegurança institucional passa a invadir a esfera da psicologia humana, em nosso caso, induzindo os brasileiros a um estado emocional que conduz e desencadeia um verdadeiro ataque de pânico geral.

Não por outra razão, o Brasil é hoje o campeão em mais uma modalidade pouco virtuosa, no de consumo de ansiolíticos, sobretudo os classificados na classe dos benzodiazepínicos. Não se iluda, o aumento expressivo nas crises de ansiedade, detectado pelos serviços de atendimento médico, em todo o país, resulta não apenas de pré-disposições pessoais ou familiares, mas tem suas raízes também nessa insegurança disseminada aos quatro ventos, que torna o injusto em justo e que passa a confundir o virtuoso com o vicioso e dissipado.

É o caso de construir uma paráfrase com o que disse Rui Barbosa quando observou: de tanto verem triunfar as nulidades, a desonra e a injustiça, os brasileiros, sujeitos à realidade nacional distorcida, entregam-se em grande número aos barbitúricos, às bebidas e outras drogas lícitas e ilícitas.

Não há mais, como antes, o exemplo vindo de cima ou o consolo trazido por lideranças aptas a conduzir pelos caminhos seguros da ética. O estresse psicossocial, por suas origens e por seus efeitos reais sobre a mente dos indivíduos tem boa parte de suas causas justamente no âmbito da sociedade.

É no meio social, em que o indivíduo está inserido, onde busca laços afetivos e de segurança que, no nosso caso, está-se a induzir, em doses cavalares, os sentimentos de perda de identidade e de valores, que vão sendo destruídos pelos próceres no poder. É o caso da legalização do aborto, das drogas, do desmanche das leis de improbidade administrativa, da lei da ficha limpa, da prisão em segunda instância e de uma série de outras modificações feitas para atender os iconoclastas e niilistas, todos eles dispostos a fazer vingar um mundo distópico e em ruínas.

» A frase que foi pronunciada

“Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil.”

Preâmbulo da Carta Magna. Só para relembrar

Descaso

» Impossível compreender a razão de não se colocar uma barra de proteção que impeça a passagem de carros no momento em que o trem se aproxima. Primeiro, o alarme, e, depois, a trava desce, impedindo que os carros sigam em frente até que o trem passe. É o mínimo de segurança que se pode oferecer à população. O acidente do ônibus na linha do trem em Brasília é prova desse descaso.

Segredo

» Hoje, no Anfiteatro 9 da UnB, às 19h30, o maestro David Junker receberá uma homenagem do pessoal do drigal. Presença maciça do Coro Sinfônico, ex-alunos, amigos e participantes de vários corais regidos por Junker. Afastado para cuidar da saúde, o maestro nem sonha com essa homenagem. Junker é o maior educador de audiência da música erudita em Brasília.

Debate

» Interessante a discussão na audiência pública que discutiu o papel do hidrogênio verde no Brasil e no mundo, em Brasília. O evento, promovido pela Subcomissão Especial de Hidrogênio Verde e Concessões da Câmara dos Deputados, conduzido pelo deputado Leônidas Cristino (PDT/CE), contou com a presença do presidente do Conselho Regional de Química da 21ª Região, Alexandre Vaz Castro. Na Europa, as plantas de hidrogênio não são mais feitas onshore, em terra, e sim no mar, por questão de segurança.

» História de Brasília

O Serviço de Meteorologia, do Ministério da Agricultura, que funcionava em Brasília, foi abandonado totalmente. O chefe foi transferido, funcionários entraram em férias, e ninguém foi substituído. (Publicada em 27/3/1962)